LITERATURA

O Marciano e o Patriarca da Floresta

Antônio Silveira Ribeiro dos Santos

A nave espacial marciana M6 ao passar pela Terra teve problemas técnicos e desceu em nosso planeta. Escolheu um lugar ermo na floresta, por motivos óbvios.

O pouso foi no Parque Estadual de Vassununga, na região de Santa Rita do Passa Quatro, São Paulo. Era uma noite quente e estrelada e, enquanto os técnicos de bordo consertavam a nave, o comandante Thafel M6 foi fazer um reconhecimento, quando estupefato encontrou um extraordinário jequitibá-rosa de 40 metros de altura e cerca de 3 mil anos de idade.

Estava ele à frente do Patriarca da Floresta, talvez uma das mais antigas árvores do Brasil e, conseqüentemente, um dos mais antigos organismos vivos da Terra.

Causou grande surpresa àquele experiente ser do espaço, quando a extraordinária árvore dirigiu-lhe a palavra e os dois começaram a dialogar.

A pedido de Thafel M6, o Patriarca da Floresta começou a relatar a história da evolução humana. Contou que os homens criaram várias teses filosóficas, começando com os gregos Sócrates, Platão e Aristóteles; criaram as religiões; criaram as teorias evolucionistas; criaram a tecnologia e a bomba atômica, criando o poder de autodestruir.

De cima de sua frondosa copa, viu os homens escravizarem-se uns aos outros. Presenciou tristemente as guerras; homens foram amarrados e açoitados em seu tronco; outros morreram enforcados dependurados em seus braços. E nada podia fazer. Teve de assistir a tudo passivamente. Por meio de suas folhas, inúmeras vezes chorou em forma de orvalho.

O Patriarca da Floresta suplicou ao alienígena: "Peço que interceda na razão humana e mostre aos homens os caminhos da sabedoria, harmonia e fraternidade, para que não sofram mais."

Respondeu o marciano: "Infelizmente nada posso fazer, pois não há possibilidade de nos comunicarmos. A única esperança é de que o próprio ser humano se conscientize de sua situação e, responsavelmente, adote ações concretas para a sua salvação."

Terminado o diálogo, o marciano voltou para sua nave e seguiu viagem. Então o Patriarca da Floresta, como todas as outras árvores, continuou chorando pela tristeza de ver um outro ser no caminho inconsciente da autodestruição.

Antônio Silveira Ribeiro dos Santos é Juiz de Direito e autor do programa ambiental "A Última Arca de Noé".